

RUI M. VISEU FERREIRA *

A EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA
ECONÓMICA PORTUGUESA ENTRE 1977/81
À LUZ DAS COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

«As comparações intertemporais duma economia ou de várias economias no mesmo instante não aspiram à exactidão quantitativa. O que elas visam é a compreensão das ordens de grandeza das várias características do processo económico em diferentes coordenadas do espaço».

Cravinho (1967)

1. Toda a comparação internacional dos sistemas produtivos deve ser conduzida a partir de informações normalizadas. Os dados fornecidos pela Eurostat constituirão consequentemente a principal fonte estatística, nomeadamente os referentes à repartição do valor acrescentado por ramos de actividade e por sectores industriais.

Este indicador, dando-nos a estrutura do «valor acrescentado» por ramos e sectores, é um indicador do trabalho social fornecido, mais complexo que a repartição do emprego, dando-nos para cada país:

- a desigualdade da composição orgânica
- a diferenciação das taxas de lucro

Para as comparações internacionais este indicador fornecerá as diferenças dum mesmo ramo ou sector entre países diferentes, pelo que convirá que se normalize, através de uma média geral referente aos países considerados.

* Assistente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

2. A comparação internacional vai incidir sobre os quatro países mediterrânicos integrados na CEE ou aspirando a esta integração: Itália, Espanha, Portugal e Grécia.

A comparação internacional vai obedecer à tentativa de diferenciação dos sistemas produtivos dos países referidos, considerando-se que dois ou mais sistemas produtivos são diferentes sempre que não tenham o mesmo peso global e não revelem a mesma divisão do trabalho.

Uma primeira diferenciação é conseguida através da participação das economias em causa no Produto Nacional Bruto da zona da OCDE.

Quadro I — Produto Nacional Bruto da zona da OCDE

	Participação no total	Taxa de crescimento média 1966/67 a 1976/77	Taxa de crescimento anual	
			1978	1979
Portugal	0,3	5,5	3,2	3
Grécia	0,5	6	6,3	3,5
Espanha	2,4	5,2	3,1	1,5
Itália	4,1	3,9	2,6	4

Fonte: OCDE, «Economic Outlook», Dezembro 1979

Verificamos que o peso de cada um dos quatro países no total do Produto Nacional Bruto da zona da OCDE é muito baixo, com Portugal e Grécia com uma posição aproximada, mas com a Grécia com uma contribuição superior, a Espanha numa posição intermédia e a Itália com o maior peso.

A análise das taxas de crescimento médio para a década de 1966/67 a 1976/77 indica-nos que os três países com menor participação viram o seu produto crescer a uma taxa entre 1,3 (Espanha) e 2,1 (Grécia) pontos superiores à Itália. A Grécia demonstrou maior dinamismo seguida de Portugal. As taxas de crescimento para 1978 e 1979 assinalam a continuação do maior dinamismo da economia grega mesmo quando se verifica um abrandamento de taxa de crescimento. Este abrandamento é muito acentuado para a Espanha no ano de 1979.

A Itália demonstra, no entanto, uma maior capacidade para responder à crise quer tendo uma maior oscilação no valor das taxas de crescimento quer recuperando mais facilmente para valores próximos da média da década.

3. A evolução de 1977-1981 por ramos de actividade.

Esta análise vai ser conduzida a partir de dados referentes ao V.A.B. só que a custo dos factores para a Grécia e a preços

Quadro II: — Estrutura do VAB em 1977 e 1981

	PORTUGAL				GRÉCIA				ITÁLIA			
	1977	%	1981	%	1977	%	1981	%	1977	%	1981	%
1) Agricultura, Pescas e Floresta	74561	12,2	124443	8,6	141543	16,7	329538	17,8	13402	7,3	23358	6,1
2) Produtos Energéticos	13252	2,1	24948	1,7	21238	2,5	59841	3,2	8985	4,9	17353	4,5
3) Indústria	165219	27	438685	30,4	170675	20,2	368147	20	58922	32,1	115758	30
4) Construção	47949	7,8	111011	7,7	71839	8,5	138640	7,5	14351	7,8	31869	8,3
5) Serviços Mercantis	259264	42,8	639359	44,3	334458	39,5	700319	37,8	73327	39,9	159820	41,6
6) Produtos não Mercantis	76728	12,5	185711	12,9	104875	12,4	255050	13,8	23050	12,5	56526	14,6
7) Correção		-4		-5,6		—		—		-4,3		-4,9
TOTAL	611045	100	1442665	100	844626	100	1851534	100	183757	100	385851	100

Quadro III: — Index de diferenciação referente ao Quadro II

	MÉDIA		PORTUGAL		GRÉCIA		ITÁLIA	
	1977	1981	1977	1981	1977	1981	1977	1981
1) Agricultura, Pescas e Floresta	12	10,8	1,01	0,80	1,39	1,65	0,60	0,56
2) Produtos Energéticos	3,2	3,1	0,66	0,55	0,78	1,03	1,54	1,45
3) Indústria	26,4	26,8	1,02	1,13	0,77	0,75	1,22	1,12
4) Construção	8	7,8	0,98	0,99	1,06	0,96	0,98	1,06
5) Serviços Mercantis	40,7	41,2	1,05	1,08	0,97	0,92	0,98	1
6) Produtos não Mercantis	12,5	13,8	1	0,93	0,99	1	1	1,06

de mercado para Portugal e Itália que nos permitiu construir os quadros II e III. Para a Espanha só temos dados normalizados referentes a 1977. A utilização do V.A.B. a custo dos factores e a preços de mercado levanta à partida problemas metodológicos mas a comparação destes dois agregados para a Itália no ano de 1977 demonstrou a existência de resultados idênticos, excluindo-se a energia onde se verificou uma diferença de 2%, possivelmente relacionada com a importância dos subsídios neste ramo (ver quadro IV).

A partir dos quadros II e III concluímos:

- a tendência do peso da agricultura a diminuir verifica-se em Portugal e Itália, tendo tendência a aumentar na Grécia;
- a indústria progride em Portugal, estagna na Grécia e diminui em Itália (tal como se verifica na tendência geral dos países mais ricos);
- nos serviços mercantis verifica-se um ligeiro aumento de Portugal e Itália (1,5 pontos) e uma ligeira diminuição na Grécia (1,7 pontos);
- nos serviços não mercantis verifica-se perda de peso em Portugal (apesar de um aumento percentual de 0,4 pontos), um aumento em Itália (2 pontos percentuais) e estagnação do peso relativo na Grécia (com aumento percentual de 1,5 pontos);
- na energia Portugal vê o peso deste sector diminuir encontrando-se em 1977 já significativamente abaixo da média. A Grécia diminui a diferença face à Itália, continuando neste país a energia com peso superior à média apesar de uma ligeira diminuição percentual (0,4 pontos).
- o sector da construção mantém-se em Portugal, diminui na Grécia (1 ponto percentual) e aumenta na Itália (0,5 pontos percentuais).

Globalmente diremos que Portugal apresenta uma evolução das estruturas que segue a tendência global na agricultura e serviços enquanto na indústria verifica-se um reforço do seu peso.

A Itália acompanha as tendências globais. Já a Grécia tem uma evolução que tende a agravar os desequilíbrios já existentes na medida em que o peso da agricultura e os pesos da indústria e serviços mercantis mantêm-se estagnados.

A Espanha apresentava em 1977, de acordo com o quadro IV, a maior percentagem na indústria e serviços mercantis,

Quadro IV: — VAB por Ramos de Actividade em 1977

Ramos	Portugal	%	Espanha	%	Grécia	%	Itália	%	Itália	%	Média
1) Agricultura, Pescas e Floresta	74561	12,2	793,6	9,1	141543	16,7	14043	8	13402	7,3	11,5
2) Produtos Energéticos	13252	2,1	307,9	3,5	21238	2,5	3833	2,2	8985	4,8	2,6
3) Indústria	165219	27	2873,3	33	170675	20,2	56153	32,1	58922	32	28
4) Construção	47949	7,8	700,3	8	71839	8,5	13267	7,5	14351	7,8	7,9
5) Serviços Mercantis	259264	42,8	3730,9	42,9	334458	39,5	72797	41,6	73327	39,9	41,6
6) Serviços não Mercantis	76728	12,5	854,0	9,8	104875	12,4	23050	13,1	23050	12,5	11,9
7) Correção		—4		—6,3		—		—4,5		—4,3	
TOTAL	611045	100	8695,3	100	844626	100	174873	100	183767	100	

os ramos com maior interesse por representarem mais de 70% do VAB. A agricultura apresenta valores inferiores a Portugal e à Grécia mas superiores à Itália. A construção apresenta valores médios, enquanto a energia alcança a maior percentagem e os serviços não mercantis menor percentagem.

A análise dos quatro países para o ano 1977, permite-nos reagrupá-los em dois clubes:

- A Espanha e a Itália com estruturas produtivas muito aproximadas decorrentes de apresentarem valores muito semelhantes para a indústria, agricultura, construção e serviços mercantis e ligeiramente diferentes para os serviços não mercantis e para a energia.
- Grécia e Portugal, com estruturas ligeiramente diferenciadas devido à agricultura (maior peso na Grécia), indústria (com Portugal próximo da média e a Grécia abaixo da média) e energia (Grécia muito próxima da média e Portugal abaixo da média).

4. A evolução entre 1977-1981 no seio da indústria.

Como já referimos a análise agregada da indústria indica-nos um aumento do peso da indústria portuguesa, quando se verifica uma diminuição nos países mais desenvolvidos como a Itália, RFA e Grã-Bretanha ⁽¹⁾. Este facto parece traduzir uma tendência ao esbatimento das diferenças de estrutura industrial.

A análise do quadro V, dá-nos para Portugal, a evolução entre 1977 e 1981 e indica-nos um reforço da importância dos sectores de máquinas industriais e agrícolas (sector *e*), material e equipamentos eléctricos (sector *g*), e sector têxtil (sector *j*), tendo este último um aumento significativo (4 pontos). Esta análise desagregada apresenta, pois, indicações contraditórias, pois que, o reforço dos sectores *e* e *g* é positivo, se não significar o mero investimento estrangeiro tipo enclave ⁽²⁾; já o aumento do sector têxtil e a diminuição da maioria dos outros sectores (cerca de 0,8 pontos) constituem um certo retrocesso na nossa estrutura industrial. Se compararmos com a indústria italiana, nesta assiste-se à manutenção do peso relativo da maioria dos sectores, excepção feita aos produtos químicos (sector *c*), ao material e equipamento eléctrico (sector *g*), material de transporte (sector *h*) e produtos de borracha e plásticos (sector *l*) que diminuíram de peso cerca de 0,5 pontos.

⁽¹⁾ Veja-se o trabalho de Laurencin e Billaudot (1977).

⁽²⁾ Hipótese que o estudo de Fernandes, Ribeiro e Rodrigues (1983) levanta para o sector de material e equipamentos eléctricos.

Quadro V: — Evolução 1977/81 no seio da indústria:
Estrutura do VAB p.m.

Sectores Industriais	PORTUGAL				ITÁLIA			
	1977	%	1981	%	1977	%	1981	%
Minerais e metais ferrosos e não ferrosos	5228	3,2	13175	3	3542	6	7147	6,2
Minerais e produtos à base de minerais não metálicos	15100	9,1	36544	8,3↓	4388	7,4	9082	7,8↑
Produtos químicos	11201	6,8	28429	6,5↓	4255	7,2	7742	6,7↓
Produtos metálicos excluindo máquinas e material de transporte	11402	6,9	28415	6,5↓	4524	7,7	9060	7,8
Máquinas industriais e agrícolas	3495	2,1	13902	3,2↑	4797	8,1	9447	8,2
Máquinas de escritório, tratamento de informação, etc.	—	—	—	—	894	1,5	1745	1,5
Material e peças eléctricas	6235	3,8	19725	4,5↑	4396	7,5	7517	6,5↓
Meios de transporte	14042	8,5	32562	7,4↓	4090	6,9	7177	6,2↓
Produtos alimentares, bebidas e tabacos	35413	21,4	89765	20,4↓	7184	12,2	14870	12,8↑
Produtos têxteis, couro, sapatos e vestuário	33639	20,4	106636	24,3↑	10511	17,8	20649	17,8
Papel, artigos de papel	10594	6,4	28232	6,4	3220	5,5	6208	5,4
Produtos de borracha e plásticos	6145	3,7	12148	2,8↓	2393	4,1	4311	3,7↓
Outros produtos industriais	12725	7,7	29152	6,6↓	4728	8	10801	9,3↑
TOTAL	165219	100	438685	100	58922	100	115758	100

Nota: As setas indicam se houve aumento ou diminuição de peso superior a 0,3%

5. Dizemos que a evolução da economia portuguesa apresenta aspectos preocupantes de retrocesso estrutural, mesmo tendo em conta que a partir dos anos 70 se verifica uma alteração profunda a nível mundial que se traduziu por uma diminuição da taxa de crescimento da actividade económica, um nível elevado de inflação, uma diminuição do crescimento do comércio mundial, a instabilidade do sistema monetário internacional, encorajando comportamentos defensivos e penalizando projectos com grandes períodos de recuperação.

A evolução da procura indica-nos que a estrutura da procura interna evoluiu no sentido do declínio de produtos têxteis e alimentares a que correspondeu um acréscimo de bens duráveis, dos serviços e da cultura e lazer. Esta última tendência levou ao desenvolvimento do sector terciário em relação à indústria ao mesmo tempo que se assiste ao esbater-se da fronteira entre os dois.

Ao nível da procura mundial o carácter sustentado do crescimento dos bens duráveis e dos bens de equipamento mais evoluídos, em particular os que beneficiam directamente da aplicação da electrónica, bem como dos produtos químicos contrasta com os produtos da electrónica tradicional e um grande número de bens intermediários que foram tocados pela desaceleração da taxa de crescimento dos países evoluídos.

Esta tendência aparece pervertida na estrutura portuguesa com o aumento significativo dos têxteis (4%), e com uma tendência para diminuir os sectores relacionados com os bens duráveis, bens de equipamento e produtos químicos.

6. Esta evolução da estrutura económica portuguesa está ligada a factores político-económicos, já que após as nacionalizações as indústrias de base ficaram integradas no sector público.

De acordo com o quadro VI verificamos que o sector privado é predominante na alimentação e bebidas, têxteis e vestuário, madeira e móveis, produtos metálicos, equipamentos eléctricos e não-eléctricos. Constatamos que excluindo os equipamentos não-eléctricos, os produtos metálicos e a alimentação e bebidas que, por serem produtos em que a componente referente ao mercado interno é crucial ⁽³⁾ e devido à crise deste, vêm a sua quota parte diminuir, os sectores ligados à iniciativa

⁽³⁾ De acordo com Fernandes, Ribeiro e Rodrigues (1983) os produtos agregados em equipamentos não-eléctricos e produtos metálicos, seriam produtos que estariam na sua maior parte nas nuvens A e C.

Quadro VI: — Peso sector público na indústria por sectores em 1977

SECTOR	% no valor acrescen- tado	% na FBCF	% no emprego
1. Alimentação	0,1	0,07	0,003
2. Bebidas	6,0	1,8	4,9
3. Tabacos	88,0	74,0	78,0
4. Têxteis e vestuário	0,5	0,2	0,3
5. Madeiras e móveis	7,0	6,0	0,3
6. Papel, pasta e editoras	55,7	78,4	2,4
7. Química	51,5	91,0	35,0
8. Refinação de petróleo	100	100	100
9. Minerais não metálicos	43,0	43,5	11,0
10. Metalurgia de base	54,5		27,0
11. Produtos metálicos	0,4	0,1	0,2
12. Equipamento não eléctrico	9,0	3,4	5,8
13. Equipamento eléctrico	0,1	0,1	0,2
14. Construção naval	35,5	76,5	26,5
15. Outro equipamento transporte	10,5	9,7	4,2
Total da indústria manufatureira	20,5	56,2	12,9

Fonte: Silva (1982).

privada e à componente externa da procura são os únicos que apresentam um reforço do seu peso.

O facto de serem os sectores «privados» relacionados com a exportação a assumirem o maior dinamismo está perfeitamente de acordo com o reassumir da estratégia de extroversão a partir dos governos constitucionais e com as dificuldades de Balança de Pagamentos por que temos passado ⁽⁴⁾.

É, assim, com esta estratégia aliada a preocupações de ordem conjuntural que se tem levado ao agravamento da estrutura produtiva portuguesa com o reforço de sectores cuja procura mundial se mostra regressiva ou de sectores que constituem sectores de enclave como a maioria dos equipamentos eléctricos.

É importante esclarecer que a crítica não se dirige tanto à estratégia de extroversão em si, mas a esta estratégia sem que ao mesmo tempo se não procure acautelar a melhoria da estrutura industrial.

Estes resultados são por si demonstrativos da não neutralidade da política económica que tem vindo a ser seguida desde o I Governo Constitucional, quer sob o ponto de vista da estrutura industrial, quer do reforço da burguesia nacional ligada ao sector exportador e à estratégia de extroversão, consumada com o objectivo de adesão à CEE.

⁽⁴⁾ É com Bayão Horta, sob a capa do «liberalismo» e de um certo «pragmatismo», que o discurso ideológico se clarifica dizendo que «as virtualidades da iniciativa privada empresarial, (...), são as que melhor se coadunam com os objectivos da nossa política de desenvolvimento industrial» (Horta, 1981:25).

A continuidade da estratégia de extroversão está bem patente no título «Novo Rumo» da obra que apresenta a política a ser seguida por este ministro da Indústria e Energia já que o mesmo se encontra na continuidade e fazendo a síntese de «Linha de Rumo» de Ferreira Dias e do «Caminho de País Novo» de Rogério Martins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cravinho, João (1967), «A estrutura industrial portuguesa à luz das comparações internacionais», *Estudos de Planeamento*, Lisboa, n.º 4.
- Eurostat (1982), *Comptes Nationaux: Tableaux d'etailles*.
- Fernandes, Ribeiro e Rodrigues (1983), «As indústrias electromecânicas e o seu papel na mudança do padrão de especialização portuguesa», em *Evolução recente e perspectivas de transformação da economia portuguesa*, Vol. I, CISEP, Lisboa.
- Horta, Bayão (1981), *NOVO RUMO, Políticas industrial, tecnológica e energética para mudar Portugal nos anos 80*, M. I. E., Lisboa.
- Laurencin et Billaudot (1977), *Internationalisation du capital et différenciation internationale des systèmes productifs nationaux de la CEE*, Grenoble, IREP.
- Marques, Alfredo (1980), *La politique économique dans la période de la Dictature (1926-1974) — analyse de trois stratégies de l'Etat*, tese de doutoramento, Grenoble, IREP.
- Pagé, Jean Pierre (1983), «L'industrie des pays de l'OCDE en question: les conditions d'une adaptation au changement», *Revue d'économie industrielle*, 23, 1.º trimestre.
- Silva, Mário Rui (1982), *Semi-industrialisation et industries de biens intermédiaires: les cas de l'industrie chimique au Portugal*, tese de doutoramento, Grenoble, IREP.